

COMIDA E SIMBOLISMO: NOTAS SOBRE OS SIGNIFICADOS DA COMIDA ENTRE POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO UNIVERSO DA DOAÇÃO EM PELOTAS/ RS

ANJOS, Tamara dos¹

¹Graduanda em Antropologia (UFPel) / tamaradosanhos@msn.com

LEMÕES DA SILVA, Tiago²

²Mestrando em Ciências Sociais (UFPel) / tiagoufpel@yahoo.com.br

MENASCHE, Renata³

³Professora do Instituto de Ciências Humanas (UFPel) / renata.menasche@pq.cnpq.br

1 INTRODUÇÃO

Este estudo analisa a produção de sentidos, por parte da população em situação de rua, sobre a comida recebida por intermédio da doação caritativa, efetuada, especificamente, por um restaurante localizado na região central de Pelotas. Assim, busca-se apreender os significados da alimentação neste grupo que faz da rua um espaço social possível.

Para tal empreendimento, toma-se a antropologia da alimentação como aporte teórico fundamental, atentando-se para o fato de que a ingestão de alimentos, ou o ato de comer, ultrapassa a simples necessidade fisiológica, abarcando processos de significação e alcançando a dimensão simbólica da comensalidade¹. Nesse sentido, dá-se privilégio para pensar a alimentação enquanto um sistema simbólico que agrega prescrições, proibições, classificações e preferências alimentares. Assim, embora a necessidade de comer seja universal, a definição do que venha a ser ou não comida acompanha particularidades culturais (DaMATTA, 1987).

Ademais, a comida envolve uma diversidade de discursos fundamentados por princípios religiosos, político-ideológicos, estéticos, de status e saúde, fatores que incidem simultaneamente sobre o ato de comer. Assim, “se todos precisam comer, não o fazem da mesma forma” (ROMANELI, 2006 p. 335). Mais ainda: a inter-relação entre as preferências alimentares, os modos de cozinhar, as formas de apresentação dos alimentos, as noções de gosto e paladar compõem um código cultural por meio do qual mediações sociais e simbólicas são atreladas aos seres humanos e ao universo (GONÇALVES, 2004).

O arcabouço teórico supracitado mostra-se pertinente para pensar na construção simbólica que a população em situação de rua edifica em torno da alimentação que recebe como doação.

¹ Termo que expressa o ato de comer coletivamente: “comer junto” (CARNEIRO, 2005 p. 71).

2. METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, o método etnográfico se mostra fundamental. A observação participante e a apreensão de informações e situações relevantes foram registradas em diário de campo. Tal metodologia buscou acessar o universo simbólico em que o grupo aqui em foco encerra a comida.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Todos os domingos, a partir das 13h da tarde, dá-se início ao ritual da distribuição de comida à população em situação de rua². Neste horário, as pessoas começam a aparecer, posicionando-se nas calçadas, nas marquises e degraus dos estabelecimentos que circundam o ponto de doação, um restaurante. A organização, no primeiro momento, não é perceptível, pois não há qualquer formação de fila ou distribuição de fichas. As pessoas se agrupam de acordo com os laços de afetividade e parentesco, distribuindo-se, ao longo desse espaço, grupos de amigos, conhecidos e familiares.

Mesmo que ao olhar desatento não seja possível perceber uma ordenação para a distribuição, coloca-se que tal procedimento se dá a partir da ordem de chegada no local, organização que é monitorada pelos próprios comensais. Quando todos os clientes do restaurante se retiram do recinto, já é perceptível a movimentação interna dos funcionários em torno da elaboração dos pratos de comida retirada das sobras do *buffet* e separadas para a cessão. Nesse instante, bastante esperado, as pessoas aproximam-se da porta de entrada do estabelecimento para receber as refeições por meio de dois funcionários, que entregam, um a um, os pratos de comida acompanhados de um garfo. Os primeiros pratos distribuídos são os mais valorizados em função de comportarem uma variedade maior de saladas, arroz, macarrão e, principalmente, carne. Essa diversificação no prato e o medo de alguns com que falte comida faz com que eles cheguem até mesmo duas horas antes do almoço ser servido, o que ocasiona uma disputa pela ordem de chegada e, em alguns casos, segundo um dos funcionários do estabelecimento, “já houve revolta dos moradores de rua por faltar comida”.

Com a comida em mãos, os beneficiários atravessam a rua e sentam-se no meio-fio da calçada. Na entrega, nesse momento de interface entre doador e receptor, nota-se que o primeiro não identifica o segundo. Em outras palavras, quem doa não olha no olho, parecendo não diferenciar as pessoas às quais direcionam o ato de caridade. Tal procedimento, uma vez ritualizado, caracteriza-se por uma “configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo” (Segalen, 2002 p. 31).

Quanto à fundamentação da doação, por parte dos proprietários do restaurante, houve uma forte negação em falar sobre o assunto. No entanto, os interlocutores que recebem a comida afirmaram que uma das filhas do proprietário, ao sofrer acidente, pedira ao pai, no leito de morte, que ajudasse aos pobres,

² Cabe aqui mencionar que, embora estejamos considerando a situacionalidade da experiência nas ruas, muitos interlocutores informaram possuir residência mesmo que temporária. É o caso dos que moram em albergues, pensões ou mesmo casebres lotados na periferia de Pelotas.

doando as sobras alimentares do restaurante. Em parte, isso parece explicar a razão pela qual se neguem a falar sobre o assunto, considerando a sensibilidade que a lembrança do contexto de perda familiar pode fazer aflorar.

A comida ali servida congrega elogios por parte dos comensais, justamente “por ser comida de restaurante” e também porque pratos e talheres são disponibilizados para que possam comer de forma mais ou menos próxima à dos clientes que pagam por esta alimentação. A valoração alarga-se ainda na medida em que não comem “os restos”, mas sim o que sobra no *buffet*. Aqui emergem as potencialidades que reportam os sujeitos à dimensão de “dignidade” pelo comer em pratos, com talheres, em oposição ao comer com as mãos, “como bicho”. Ademais, evidencia-se a centralidade da carne, enquanto “comida forte”, dado o fato de que há uma supervalorização desse item alimentar, o que também aciona elementos de “comer com dignidade” (LEMÕES DA SILVA, 2010).

4. CONCLUSÃO

Evidenciam-se os significados elaborados em torno da comida e da comensalidade. Atenta-se para a centralidade dos utensílios alimentares, que deslocam os sujeitos para a dimensão simbólica da dignidade, utensílios que comportam os traços constituintes de uma vida sedentária, de um universo doméstico envolto por extrema valoração social. O estudo, ao evidenciar a classificação da carne enquanto “comida forte”, buscou relativizar a noção de “estratégias de sobrevivência”, comumente acionada para explicar a movimentação destas pessoas em torno da comida. Assim, aponta-se para a classificação simbólica da comida para além das necessidades físicas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Henrique. Comida e Sociedade: significados sociais na história da alimentação. **História: Questões e Debates**, Curitiba, n.42, p.71-89, 2005

DA MATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, v.15 n.7, p.22-23, 1987.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A fome e o paladar: a antropologia nativa de Luis da Câmara Cascudo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.33, 2004.

LEMÕES DA SILVA, Tiago. **Comida, Religião e Reciprocidade**: uma etnografia sobre os processos de doação alimentar à população em situação de rua. Monografia de Conclusão de Curso em História. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010.

ROMANELLI, Geraldo. O significado da alimentação na família: uma visão antropológica. **Medicina**, Ribeirão Preto, v.39, n.3, p.333-339, 2006.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.